

QUATRO IMORTAIS (NO CHÁ DA ACADEMIA) MEDITAM SOBRE A IMORTALIDADE

Quatro jovens oitontões,
no chá da Academia, discorrem sobre
a immortalidade, com senso de humor, ironia
e até de pessimismo. Nada se compara com a juventude,
mas no intelectual a velhice pode ser superada, com
os prêmios do amadurecimento e contínua dedicação ao trabalho —
é o tema dos depoimentos de alguns acadêmicos
que já possuem também mais de quarenta anos na
Casa fundada por Machado de Assis.

Luiz Carlos Lisboa

A escadaria da entrada, austera em seu mármore negro, não é jamais encerada para evitar acidentes. Por ali sobem, todas as semanas, a caminho do elevador, alguns dos homens mais ilustres do País. A Casa de Machado de Assis, como é conhecida a Academia Brasileira de Letras, tem, nos seus 85 anos de existência, a idade aproximada de um punhado dos seus acadêmicos. Numa quinta-feira recente, saboreando o chá com mãe-benta e os sanduíches de queijo preparados por dona Zulmira, governanta dos imortais, a tentação de fazer um balanço da vida acadêmica predominou por instantes.

A Academia não immortaliza, mas é uma promessa para a posteridade.

— A Academia não immortaliza ninguém — diz Pedro Calmon (80 anos de idade, 46 de Academia). — É uma promessa e, ao mesmo tempo, um prêmio: promessa para uma posteridade que não sabemos como a receberá; prêmio pelo trabalho feito pelo intelectual. Quanto à immortalidade, não creio nela porque a morte tudo leva. *Les morts vont vite.*

Alguns aprovam com

movimentos de cabeça, outros querem acrescentar alguma coisa. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia (84 anos, 24 de presidência), avança uns passos:

— Quando a Academia Francesa designou seus filiados como **imortais**, quis dizer que a lembrança de suas obras seria preservada. Os escritores franceses que, há 300 anos, passaram **sous la coupole** contribuíram para dar immortalidade à sua obra, à sua Academia. Afora isso, os “imortais” não fogem à lei da morte, como eu mesmo posso atestar. Nos trinta anos que aqui passei, já enterrei 54 acadêmicos...

O chá de erva-doce está fumegando nas xícaras. Barbosa Lima Sobrinho (85 anos de idade, 40 de Academia) sorri levemente:

— O que caracteriza nossa immortalidade é talvez o fato de que na Academia a faixa de mortalidade é das mais altas. E no Brasil é assim: morre-se num dia e no outro já se está esquecido e abandonado pela maioria dos antigos admiradores. Se a obra é imortal, muito bem. Além disso, immortalidade é apenas um apelido sem maior significação.

Orígenes Lessa (80 anos, um dos **novos** na Academia) concorda, com ar pensativo:

— É quase irônico. Immortalidade, em matéria de Academia, é algo que corresponde ao “Ilustríssi-

mo” e ao “Excelentíssimo” que alguns ainda usam no endereçamento das cartas.

Em torno da mesa do chá, nesse instante, têm todos a idade aproximada da Academia. Fala-se nas virtudes da longevidade, nos índices da Academia Francesa, nos prazeres da inteligência na casa dos 80.

— Os que atingem idade proventa e continuam lúcidos e criadores, como ocorre com Menotti del Picchia, agora com 90 anos, são dignos de admiração — diz Austregésilo de Athayde. — É o caso também do Alceu Amoroso Lima (88 anos), do Barbosa Lima Sobrinho e o meu próprio. Temos muitos acadêmicos chegando aos oitenta, em pleno gozo de sua lucidez e inteligência. Penso que o fato de ser acadêmico ajuda, na medida em que colabora para criar uma certa moderação de hábitos e costumes que contribui para conservar esses valores em sua plenitude.

A inteligência dinâmica e criativa, se exercitada todos os dias

— A inteligência continua dinâmica e criativa se é exercitada todos os dias — acrescenta Pedro Calmon, pousando a xícara sobre a

toalha branca. — Não reduzi em nada minha atividade. Ao contrário mesmo, sinto-me agora na plenitude de minhas forças, capaz de afirmar que a velhice é irmã da ociosidade. Os preguiçosos serão velhos mais cedo. Por que não sinto a idade? Porque escrevo livros, leio, estudo o dia todo. Isso tudo pode ser feito sem consideração com a cronologia, fora dos limites tremendos da energia física, de acordo com inspirações escolhidas. Que Deus nos dê uma cabeça sadia, uma máquina de escrever, papel, idéias — e um livro se faz tanto na idade proventa quanto na juventude.

Em Barbosa Lima pouco entusiasmo, mas esperança na superação da velhice.

Barbosa Lima não tem o mesmo entusiasmo. Inclina o corpo para a frente, na cadeira, e fala pausadamente:

— Talvez nada se compare com a juventude, como despertar da imaginação, esforço, capacidade de trabalho, mas a própria vida vai-se encarregando de exigir do homem que amadurece a continuação dessa produtividade, superando a contagem dos próprios anos que vão sendo vencidos.

Não que a velhice traga qualidades. Não creio nisso. O que ela pode ser é superada.

A mãe-benta, os biscoitos de ouro, os refrescos de laranja e caju são servidos em bandejas por dona Zulmira. O presidente Austregésilo prefere um copo de leite. Pedro Calmon insiste em realçar os aspectos positivos da vida acadêmica:

— Temos aqui todos os benefícios que a boa convivência produz. Porque a Academia é neutra e aliciante. Nas sessões periódicas da Casa convivem, na familiaridade que a distingue, o modernismo e o conservadorismo. Convivem os que pendem para a esquerda e para a direita, os que querem ir para a frente e os que querem recuar. Disso resulta uma boa média, a simpatia humana, através da qual uma Academia pode, de repente, ter um pensamento, exprimir uma consciência que é produto da observação do grupo acerca dos problemas brasileiros, por exemplo. O convívio acadêmico é uma conciliação, uma concórdia estabelecida entre a variedade dos estilos.

— É verdade — atalha Barbosa Lima Sobrinho. — Não há lugar nenhum em que envelhecer seja tão agradável quanto aquele em que convivemos com companheiros de inteligência e sensibilidade. Posso dizer que passei os últimos quarenta anos desfrutando des-